

CUBA EM TEMPO DE NOSTALGIA: MEMÓRIA, UTOPIA E A MERCANTILIZAÇÃO DO PASSADO*

Silvana Seabra Hooper*

 <https://orcid.org/0000-0003-4391-7815>

Como citar este artigo: HOOPER, S. S. Cuba em tempo de nostalgia: memória, utopia e a mercantilização do passado. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD018284>

Submissão: 2 de outubro de 2025. **Aceite:** 7 de janeiro de 2026.

Resumo: O texto analisa a reconfiguração do turismo em Cuba a partir dos anos 1990, quando a ilha, em crise pós-soviética, aposta no setor como motor econômico. Argumenta que a oferta turística atual mercantiliza o passado, ao combinar exotismo caribenho, ícones da Revolução e um “*vintage* do capitalismo”, alimentando uma memória nostálgica com traços utópicos. Discute como esse arranjo tensiona ideais socialistas e lógicas de mercado, evidenciando o “caráter janusiano” do turismo. À luz de debates teóricos (Boorstin, Augé, MacCannell, Urry), diferencia o caso cubano do *red tourism* e do pós-socialismo do Leste Europeu, enfatizando sua condição de socialismo ainda vigente.

Palavras-chave: Nostalgia. Turismo. Turismo de memória. Revolução. Cuba.

* Este trabalho faz parte de um projeto de pós-doutoramento em curso na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), cuja abrangência é maior em temas e em escopo teórico. Aqui apenas são desenvolvidos os temas do turismo de memória que envolvem aspectos nostálgicos e utópicos e que apresentam o objeto empírico – Cuba.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: silhooper@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em um artigo de tom aparentemente pouco polêmico, o pesquisador Chandana Jayawardena, especialista em turismo, caracteriza 2003 como um momento de inflexão em Cuba, impulsionado pela contribuição do setor turístico para a economia nacional. Segundo o autor, o turismo funcionou como uma saída não necessariamente definitiva, mas capaz de mitigar a profunda crise iniciada no começo da década de 1990, quando o colapso do regime soviético encerrou o apoio substancial que o governo de Fidel Castro recebia desde a instauração do socialismo na ilha.

Baseado em pesquisa minuciosa, com dados de 1998 a 2002 – corroborados por trabalhos de outros autores –, o estudo recupera aspectos históricos e inclui entrevistas com agentes da cadeia do turismo. Ainda assim, o título – “From revolution to revolution: why tourism is booming?” – carrega uma ironia: o êxito de um setor tipicamente orientado pelo mercado, em um país de matriz socialista. As duas “revoluções” do título são de naturezas distintas e, à primeira vista, pouco correlatas: a primeira é política, referente à implantação do regime socialista liderado por Fidel Castro; a segunda é econômica, ligada à transformação promovida, nos anos 1990, no âmbito de um projeto de desenvolvimento do turismo impulsionado por uma abertura controlada do mercado. De fato, a busca por receita rápida em moeda forte convive com potenciais efeitos colaterais capazes de tensionar as aspirações sociais e ideológicas do país. No caso de Cuba, o “caráter janusiano” do turismo (Neuhofer, 2016) torna-se, assim, permanentemente exposto.

Na década de 1990, após um hiato de 30 anos, Cuba voltou a figurar como importante destino turístico no Caribe. Com a crise e a derrocada dos regimes socialistas, a partir de 1989, a ilha reposicionou-se na economia global pós-soviética por meio do turismo – estratégia que se provou bem-sucedida, a ponto de o setor se converter na segunda fonte de renda do país¹. Não se tratou, porém, de um simples retorno ao modelo anterior: os temas e os produtos hoje oferecidos ao público internacional diferem sensivelmente daqueles do *boom* turístico das décadas de 1920 e 1950, quando a promoção se apoiava na vida de cassinos e em uma oferta de luxo e excessos de toda ordem (Schwartz, 1997).

Por um lado, Cuba continua integrada às representações sobre o Caribe, nas quais o apelo ao exotismo permanece forte. Por outro lado, praticamente fechado nas primeiras décadas pós-revolução, o turismo reaberto na década de 1990 – com participação decisiva do Estado – oscila entre a evocação do passado pré-revolucionário e a celebração do passado pós-revolucionário. Elementos de utopia e nostalgia parecem permear grande parte do turismo cubano contemporâneo.

Não deixa de ser significativo que uma das primeiras campanhas publicitárias sobre a Cuba pós-anos 1990 – e talvez a mais conhecida – insista que o país estaria à beira de uma mudança radical e irreversível. A frase é recorrente em várias ofertas turísticas: “Visite a ilha antes que seja tarde demais”². Mais do que um *slogan* meramente econômico, o anúncio traduz uma sensação de fim

1 O setor de serviços é responsável pela maior parte do PIB de Cuba – 74,6% –, mas esse total agrega tanto o turismo quanto a exportação de serviços governamentais (como exportação de serviços médicos e educacionais). Em geral, nos sites, não há referência exata de quanto é a contribuição do turismo, mas os números são próximos a 24%. Adotamos aqui o Statista: <https://www.statista.com/statistics/388566/cuba-gdp-distribution-across-economic-sectors/#:~:text=Distribution%20of%20gross%20domestic%20product,percent%20from%20the%20services%20sector>.

2 Disponível em: <https://www.travelpulse.com/voices/opinions/its-too-late-to-go-to-cuba-before-it-changes> e em: <https://edition.cnn.com/travel/article/cuba-one-americans-view-of-change>. Acesso em: 15 dez. 2025.

que acompanha o regime desde a década de 1990. O convite não apenas promete “outro lugar”, no sentido geográfico, como também oferece “outro tempo”: um *vintage* do capitalismo, com passeios em carros antigos e bares de intelectuais e artistas associados aos ideais revolucionários. Ganha destaque, ainda, o turismo associado à própria Revolução Cubana, como sintetiza um visitante: “Cuba é uma espécie de ‘último *resort* marxista’” (Babb, 2011, p. 53)³.

Diferentemente de outros espaços de memória pós-socialistas – nos quais a atração recai sobre aspectos sombrios do passado comunista, frequentemente combinados ao exotismo de bens exclusivos a regimes fechados anteriores à década de 1990 –, Cuba ainda “é” socialista, mesmo que formalmente. Muitos elementos da Revolução Cubana permanecem, assim, “abertos” ao futuro, ou ainda possíveis, deixando entrever os aspectos utópicos do projeto revolucionário do “Exército Rebelde”.

Este trabalho busca discutir os elementos de uma memória nostálgica que combina o passado revolucionário – percebido como não inteiramente cumprido – com traços de um capitalismo glamouroso. Para tanto, apresentamos a reflexão sobre o turismo de memória e o surgimento de novas modalidades dentro dessa categoria, com ênfase nos aspectos de nostalgia e utopia como elementos imbricados em determinadas propostas de passeios e visitas na ilha. Destacamos o caráter peculiar de Cuba, em contraste com o chamado *red tourism* e o turismo pós-socialista, respectivamente presentes na China, no Leste Europeu e em alguns países da antiga URSS.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica empregada neste trabalho é predominantemente qualitativa, teórico-conceitual e analítico-interpretativa. Embora não siga um modelo empírico com coleta primária de dados, o estudo se estrutura como uma análise crítica fundamentada em revisão bibliográfica e documental, cujo objetivo principal é interpretar discursos e representações sobre o turismo cubano.

O artigo apoia-se, primeiramente, numa revisão bibliográfica minuciosa e contextualizada, que recupera e sintetiza dados históricos e análises de outros pesquisadores, como o estudo de Jayawardena (2003), que abrange o período de 1998 a 2002, e trabalhos que discutem o *boom* turístico das décadas de 1920 e 1950. Essa revisão não é apenas descritiva, mas também serve como base para construir o argumento central sobre a reconfiguração do setor pós-1990.

O fundamento da análise, contudo, é o enquadramento teórico que dialoga de forma crítica e sequencial com as principais correntes da sociologia do turismo. Parte das visões mais críticas é representada por Boorstin (1992) e Augé (1994), que enfatizam a homogeneização e os “não lugares”, para então passar pela inflexão teórica de Dean MacCannell (1976), que introduziu a busca por autenticidade como uma metáfora da condição moderna. Incorpora-se, então, a contribuição seminal de John Urry (1990) sobre o *tourist gaze*, um conceito-chave que permite analisar o turismo como um olhar socialmente construído, mediado por relações de poder e expectativas. Assim, esse caminho teórico não apenas mapeia as ideias, mas também fornece lentes analíticas específicas através das

3 Ver também: <https://donstravels.com/cuba-the-last-socialist-paradise/>. Acesso em: 15 dez. 2025; e Wilson e Látková (2015).

quais o fenômeno cubano será examinado. Conceitos como “fato social total” (Mauss, 2003, p. 23) e nostalgia como “perda” (Jameson, 1985, p. 21) são mobilizados para elevar a discussão do caso específico a um patamar de reflexão sobre a modernidade e a memória.

Com esse arcabouço conceitual estabelecido, o método aplicado ao objeto de estudo – o turismo em Cuba – torna-se essencialmente interpretativo e temático, com o prosseguimento de análise discursiva de materiais como campanhas publicitárias (por exemplo, o *slogan* “Visite a ilha antes que seja tarde demais”) e falas de turistas (como a definição de Cuba como “último *resort* marxista”). A análise centra-se em identificar e desvendar os temas principais que estruturam a oferta turística: a nostalgia, articulada tanto pelo “*vintage* do capitalismo” (carros antigos, bares históricos) quanto pela memória de um projeto revolucionário percebido como inacabado; a utopia, presente na ideia de que elementos da Revolução Cubana permanecem “abertos” ao futuro; e a tensão ou o caráter janusiano, que surge da mercantilização desse passado dentro de um Estado socialista. Esse percurso possibilita uma estratégia dialética na argumentação, na qual se exploram as contradições entre as lógicas de mercado e os ideais socialistas, entre o exotismo caribenho e a narrativa política revolucionária.

Por fim, e para destacar a singularidade do caso cubano, recorre-se à metodologia comparativa, de maneira estratégica, para contrastar o turismo de memória desenvolvido em Cuba com duas outras modalidades: o *red tourism* da China, focado na celebração política do passado revolucionário, e o turismo pós-socialista do Leste Europeu, que frequentemente transforma o passado comunista em um produto exótico e sombrio, um capítulo já encerrado da história. Essa comparação é fundamental para sustentar a tese de que a experiência cubana é única precisamente porque se desenrola num contexto de socialismo ainda vigente⁴, em que o passado revolucionário não é um artefato museológico, mas uma narrativa em disputa e ainda carregada de potencial utópico.

Assim, a metodologia deste trabalho é um exercício de crítica cultural, aplicada por meio de uma triangulação entre revisão histórica, teoria social densa e análise interpretativa de discursos. Argumenta-se que o turismo em Cuba opera como um poderoso mecanismo de mercantilização da memória, um processo que simultaneamente alimenta e tensiona as narrativas de nação, revolução e identidade no cenário pós-soviético.

TURISMO E TURISMO DE MEMÓRIA

O crescimento do turismo a partir dos anos 1950 acompanha a expansão das liberdades individuais, do poder aquisitivo e da abertura internacional. O número de chegadas internacionais salta de dezenas de milhões em 1960 para centenas de milhões em 2024, com gastos que consolidam o turismo como uma das

4 Apesar de inúmeras críticas, vindas tanto de perspectivas liberais quanto de correntes marxistas dissidentes, Cuba ainda é considerada socialista/comunista. A autodefinição constitucional (1976, 1992, 2002, 2019), bem como a estrutura prática do Estado e da sociedade, seguem o mesmo modelo político e econômico desde a Revolução Cubana de 1959, liderada por Fidel Castro: o sistema de partido único – o Partido Comunista de Cuba (PCC) –, que detém o monopólio do poder político e define as diretrizes ideológicas e políticas da nação. No plano econômico, Cuba estabeleceu um sistema de planejamento centralizado, com propriedade estatal majoritária dos meios de produção. Assim, mesmo após a crise do Período Especial (década de 1990), em que o país introduziu reformas limitadas de abertura de mercado, o PCC manteve o controle estatal sobre setores estratégicos (saúde, educação, energia, indústrias principais) e a distribuição de recursos fundamentais.

maiores indústrias globais⁵. Historicamente, o turismo pode ser associado à mobilidade – inicialmente como necessidade de sobrevivência, passando pelas peregrinações orientadas pela religião ou pelo Estado. A origem do turismo moderno costuma ser vinculada ao *Grand Tour* (séculos XVII-XVIII), quando a elite europeia enviava seus jovens para viagens pelo continente em busca de experiências artísticas e culturais. Com o tempo, contudo, o turismo moderno distanciou-se significativamente desse modelo, assumindo feições de produto da indústria cultural.

Sob essa ótica, diversos autores (Boorstin, 1992; Nash, 2012; Medlik, 1975) apontam efeitos homogeneizadores e destrutivos: pacotes padronizados, *resorts* e hotéis idênticos, experiências genéricas e redução das populações locais a mão de obra barata. O diagnóstico aproxima-se da descrição de Marc Augé (1994) sobre os “não lugares”, espaços próprios da supermodernidade que não se estruturam para produzir identidades coletivas, relações duradouras ou memória histórica; são ambientes de trânsito e consumo, regulados por instruções, contratos e sinalizações, nos quais os indivíduos são interpelados como usuários, consumidores ou clientes, e não como membros de uma comunidade. Embora essa visão ainda ressoe nos estudos do turismo, outras abordagens denunciaram seu simplismo.

A obra de Dean MacCannell (1976), *The tourist*, marcou uma inflexão teórica. Com abordagem filosófica e macrossociológica, propôs-se a analisar a busca por autenticidade como metáfora da condição moderna. O livro não apenas reconheceu o caráter semiótico do fenômeno, como também o afirmou como uma das práticas culturais mais expressivas da segunda metade do século XX em diante. O turismo é hoje reconhecido como “fato social total” (Mauss, 2003), que mobiliza e gera a circulação sistêmica de fluxos não apenas de pessoas e capital, mas também de imaginações e experiências.

Ainda assim, a obra de MacCannell (1976) preserva certo determinismo, posteriormente problematizado por John Urry (1990), em *The tourist gaze*. Urry não apenas estudou o turismo, como também propôs, por meio da metáfora do olhar, uma lente teórica específica: o *tourist gaze*. Trata-se de um modo socialmente organizado e sistemático de ver, construído por discursos, expectativas, técnicas (como a fotografia) e relações de poder. Com isso, o autor forneceu um objeto de estudo delimitado e um arcabouço analítico que unificou pesquisas dispersas. O foco desloca-se das motivações psicológicas do turista individual para a relação entre quem olha (o turista) e o que é olhado (a cultura de destino), concebendo o turismo como um sistema de significados e trocas desiguais (não exclusivamente econômicas).

A identificação do turista com o sujeito moderno – presente em MacCannell e em Urry – indica que o turismo não é um estado de ser excepcional ou episódico, mas uma potencialização de disposições da modernidade. Nesse sentido, a imagem do *flâneur* de Baudelaire, retomada por Benjamin (1989), como observador da vida urbana no século XIX, ajuda a compreender uma ética da observação e uma prática estética que transforma o deambular em forma de conhecimento.

Dessa avaliação, pode-se concluir também que não são apenas o novo e o desconhecido que mobilizam o turista, mas igualmente as formas do cotidiano.

5 Segundo os dados da United Nations World Tourism Organization (UNWTO), da década de 1960 a 2019 o aumento do turismo mundial foi de 550% a 600%, em média. A tendência de aumento permanece, e os anos de 2020 a 2022 são considerados atípicos em função da pandemia de covid-19. Tourism Statistics: <https://www.e-unwto.org/oc/unwtotfb/current>.

Com as mudanças promovidas pela globalização, grande parte da vida contemporânea passou a ser organizada de maneira turística. A mobilidade, o espetáculo e, sobretudo, a orientação para o lazer criaram uma vida mais fluida e menos sedentária. Esse cenário, no entanto, não equivale necessariamente a uma fruição prazerosa. O descentramento cultural é igualmente experimentado como colapso e perda, como assinalou Jameson (1985). Trata-se da outra face da formação do sujeito moderno, não menos presente do que aquelas formas experimentais e incertas. É nesse nicho que se situaria um turismo das formas passadas, seja no modelo do turismo de patrimônio, seja, de modo ampliado, no turismo de memória.

É verdade que o turismo de memória pode ser encontrado desde tempos antigos, ainda que muitas vezes em formas religiosas e ritualísticas que permanecem em várias culturas. No entanto, diversos autores relutam em considerar essas práticas como turísticas, colocando a questão religiosa como central e destacando o conceito de jornada ou peregrinação (Urry, 1990; Morinis, 1992). Nosso foco recai sobre o fenômeno denominado “*boom* memorialístico”, iniciado em torno da década de 1980 (Huyssen, 2000). Nesse período, não apenas se ampliou quantitativamente a preocupação com a memória por meio de formas mais concretas – como novos museus, memoriais e comemorações –, como também se transformaram seus conteúdos e funções, alçando a memória a um novo posicionamento nas arenas social, política e cultural.

O legado trágico do Holocausto impulsionou essa mudança no cenário global das memórias coletivas, enfatizando que nações e indivíduos devem se lembrar não apenas dos tempos de glória, mas também dos momentos menos nobres, que muitas vezes incluem violências e injustiças. Assim, as formas mais verticais de comunicação histórica, em geral mediadas por objetos e observações distanciadas e racionais, cederam lugar a narrativas, *performances* (Edensor, 2001) e formas mais horizontais e dinâmicas de rememoração, capazes de estabelecer experiências imaginativas sobre o passado, favorecer a identificação e a empatia, e, ao mesmo tempo, dialogar com a modernidade.

O turismo de memória pode ser definido como uma dessas práticas nas quais o aspecto experiencial se apresenta de forma intensa, sustentado pela crença na autenticidade da experiência e na realização (temporária) de um eu “real” que emerge quando a vida cotidiana é superada (Wang, 1999). Uma de suas características mais marcantes é o emprego de certa teatralidade (mime) como estratégia de sensibilização e criação de proximidade. Esse formato se fundamenta na ideia, amplamente difundida nas últimas décadas, de que o mero conhecimento é insuficiente para fixar memórias socialmente significativas, sendo necessário formar “lugares de memória” como espaços de recordação (Assmann, 2011).

Uma variedade de termos tem sido empregada para descrever esses tipos e mercados mais “alternativos” ou “de nicho” de turismo, que ganharam popularidade nas últimas duas décadas. A prática mais comum do turismo de memória envolve visitas a museus e lugares monumentais – em geral, construções erigidas para marcar a memória coletiva –, frequentemente associadas às formações dos Estados nacionais (Anderson, 1983). Marcando uma peculiaridade do turismo patrimonial, surgiu mais recentemente o chamado *dark tourism*, cuja atração central concentra-se em locais associados a tragédias. Embora não se restrinja a acontecimentos nacionais, grande parte de seu repertório está ligada a histórias de guerras entre nações ou conflitos étnicos relacionados aos Estados

nacionais, a exemplo das visitas aos campos de concentração de Auschwitz e Treblinka, na Polônia.

Outro tipo de memória manifesta-se no turismo dos países pós-socialistas do Leste Europeu, em especial na Alemanha, que cunhou o termo *ostalgie*. Nascida da junção de *Ost* (“Leste”) com *Nostalgie* (em alemão), a *ostalgie* pode ser entendida como uma nostalgia pelo “Leste” – sobretudo pela vida cotidiana na antiga Alemanha Oriental – República Democrática Alemã (RDA)/Deutsche Demokratische Republik (DDR) – e, por extensão, por aspectos do socialismo real no Leste Europeu. Emergida nos anos 1990, após a reunificação alemã, ela constitui um sentimento ambivalente que valoriza memórias, objetos e práticas da RDA. Esse fenômeno assinala também um renovado interesse pela nostalgia nos países pós-comunistas, já não concebida apenas como um quadro patológico, como em sua formulação inicial, mas como um campo legítimo de reflexão social e cultural.

DA NOSTALGIA À UTOPIA: UM TURISMO DO POSSÍVEL

De fato, a primeira referência à nostalgia não é recente: o termo foi criado em 1699 pelo médico suíço Johannes Hofer para designar, em termos médicos, os sintomas psicológicos e fisiológicos adversos mostrados por mercenários suíços que viajavam para o exterior a negócios. Nos séculos XIX e XX, a nostalgia passou a ser entendida como uma forma de melancolia ou depressão, em oposição à concepção de doença neurológica. Mais recentemente, no contexto contemporâneo, a nostalgia retoma uma definição sintética de anseio sentimental pelo passado, sendo também concebida como uma resposta à condição moderna e à alienação decorrente da vida contemporânea (Natali, 2006).

Como tema, a nostalgia parece ter se tornado um fenômeno importante nos estudos da memória, com inúmeras pesquisas que atestam a diversidade de tópicos⁶ e a natureza interdisciplinar desse assunto. Embora as descrições sobre a manifestação do sentimento nostálgico sejam muito semelhantes e concordem com a ideia de nostalgia como sentimento próximo à angústia ou à melancolia, ocasionado por deslocamento temporal ou pela sensação (real ou não) de perda, a valoração conceitual tem sido mote de debates recorrentes. No centro da discussão está a questão da capacidade crítica da nostalgia em interrogar a articulação do passado no presente. Para além dos sintomas individuais, que podem indicar um caráter patológico (Freud, 2010), a nostalgia social é uma das lentes através da qual se molda e direciona a consciência histórica.

De acordo com essa perspectiva, a nostalgia é, antes de tudo, um traço de perdas e rupturas, promovendo uma leitura do presente ou do futuro que recorre ao passado de maneira idealizada e resistente a mudanças. Provavelmente, Jameson (1989) representa o crítico mais eloquente dessa perspectiva. Mesmo quando sugere que a nostalgia pode ser desdobrada em uma variante crítica (contraposta à ideológica), funcionando como um modo de resistência da fragmentação da experiência moderna, Jameson acaba por considerá-la sob a lógica do consumo.

6 A revista *Memory Studies* (2010, v. 3, n. 3) foi integralmente dedicada à nostalgia e traz desde estudos sobre as formas de nostalgias antropológicas (Whitehead, 2010) até discussões sobre nostalgia e sustentabilidade ecológica (Davies, 2010).

Segundo o autor⁷ e outros críticos da esteira frankfurtiana, a recuperação do passado, em contextos de incerteza política, como modernização acelerada, pode ser taxonomizada e instrumentalizada para alimentar exclusivismos, revisionismos e políticas de identidade que simplificam o passado para legitimar o presente.

Nem todos os autores compartilham a visão de Jameson. A crítica literária Svetlana Boym (2001) distinguiu duas modalidades de nostalgia, que não são “estágios” de um mesmo processo, mas modos diferentes de lidar com o passado e com a perda. A primeira, que ela denominou nostalgia restauradora, busca as origens, algo perdido e idealizado. Já a nostalgia reflexiva é também *metanostalgia*, na medida em que contempla a si própria e a passagem do tempo com suas fissuras de memória, sem ansiar por um retorno.

Nesse sentido, a nostalgia reflexiva assume a irreversibilidade do tempo e valoriza fragmentos, vestígios e sua própria história como um palimpsesto. Essa nostalgia possui uma capacidade de projetar o futuro, construindo um imaginário que não se estabelece necessariamente no tempo passado. Contudo, esse tipo de nostalgia, segundo Boym (2001), é mais facilmente reconhecido em termos individuais. Pesquisas no campo da psicologia corroboram a mesma indefinição quanto aos aspectos sociais da nostalgia, de uma maneira geral (Routledge *et al.*, 2012; Sedikides *et al.*, 2008): a ideia de vínculo com a utopia não está totalmente ausente, mesmo que não seja explicitamente formulada. Por sua vez, Pickering e Keightley (2020) destacaram os fenômenos complexos e às vezes contraditórios que a nostalgia encobre, bem como as críticas a que, como a memória, ela foi submetida, particularmente no que diz respeito a seu potencial ideológico. Eles também sublinharam os múltiplos significados que o termo carrega, dependendo dos contextos sociais e históricos, e, como forma de idealização do passado, seus vínculos potenciais com elementos utópicos, tanto como desejo de reencantamento quanto como resposta ao desencantamento: “a nostalgia como retirada do presente e a nostalgia como recuperação para o futuro não são mutuamente exclusivas, assim como qualquer impulso é a preservação de grupos dominantes ou subordinados” (Pickering; Keightley, 2020, p. 28).

De fato, os estudos sobre as utopias mostram que esses relatos tenderam menos ao futuro e mais ao passado, em busca de seus valores fundadores. Um exemplo notável é a obra de Ernst Bloch e seus escritos sobre a utopia (1959-2005). Bloch (2005) defendeu que o futuro deveria ser encontrado nas aspirações do passado, como uma promessa não cumprida. Assim, concebeu a ideia de utopia não como um sistema, uma totalidade imaginária, mas como fragmentos e desejos em ação, numa infinidade de experiências. Para tanto, trabalhou a expressão do “ainda não” (em alemão, *Noch-Nicht*) como forma de indicar que as possibilidades estão continuamente abertas. O passado não deve ser compreendido como um arquivo morto, mas como um conjunto de possibilidades a serem pensadas em termos do que “ainda” é possível. Dessa forma, Bloch foi um autor marxista, pouco ortodoxo, ao pensar a ideia de revolução – especialmente da Revolução Socialista – fora de qualquer pressuposto teleológico. O único futuro em que expressou sua crença foi o otimismo de um amanhã melhor. Segundo ele, a utopia é, em essência, nostálgica.

7 A leitura de Jameson é significativamente próxima à dos autores frankfurtianos. Ao debaterem aspectos do homem moderno e pós-moderno, esses autores acabaram por tematizar, mesmo que indiretamente (embora não exclusivamente), o caráter nostálgico do mundo contemporâneo. De Benjamin (1989) a Baudrillard (1991), de Marcuse (2015) a Debord (1997), a avaliação crítica é uníssona: a relação com o passado, quando transformada em memória convertida em mercadoria, espetáculo ou mero culto, tende a ameaçar o uso ativo e crítico do passado (Stauth; Turner, 1988).

A utopia tem, portanto, um método prospectivo, que consiste numa busca por vestígios do que “não foi”. A abordagem parece ser nostálgica por natureza e não busca o passado como realização ou explicação razoável do presente. O passado é vasculhado para identificar o futuro como aspiração e promessa. É nesse cruzamento que o turismo de memória pode ser pensado com um enfoque diferente do meramente monumental ou patrimonial (seja em relação aos grandes feitos nacionais, seja quanto aos acontecimentos universais). O turismo de memória pode ser também a possibilidade de explorar outros projetos, que não foram realizados ou que foram abandonados pelo turista. Grande parte do ecoturismo se apoia nesses impulsos, oferecendo passeios que reproduzem antigos estilos de vida e proporcionam uma aproximação maior com a vida de “outrora”. Em muitos casos, a oferta turística mantém um caráter precário nas condições gerais de hospedagem e alimentação, para conseguir uma experiência mais autêntica aos turistas. Muitas dessas representações são consideradas ofensivas e têm provocado debates, especialmente nas comunidades que recebem esses eventos (Hooper; Campos, 2024).

CUBA E O TURISMO DA REVOLUÇÃO

Marx (2011, p. 25) deixou a célebre expressão de que a história não se repete e que, quando parece fazê-lo, é porque a segunda vez ocorre apenas como farsa⁸. A afirmação também ecoa na cultura contemporânea, embora com menos ênfase do que no século XIX. As viagens para o Leste Europeu mostram turistas andando em Trabant⁹ (Polônia) – ícones da época da cortina de ferro – e buscando antigos objetos que são vestígios de um tempo que, à primeira vista, não deveria suscitar nenhum tipo de nostalgia. Mas os passeios baseados numa emulação da vida no regime comunista, que se seguiu à Segunda Guerra Mundial e só terminou nos anos 1990, figuram como um negócio de sucesso.

Da mesma forma, os carros pesados dos anos 1940 e 1950 que circulam pela ilha de Cuba são hoje uma das atrações mais procuradas. Também é possível conhecer os pontos importantes da tomada de Havana pelos guerrilheiros liderados por Fidel Castro ou seguir por um percurso conhecido como “Revolutionary Trail” – que, na verdade, é menos um passeio rápido e mais uma longa caminhada destinada a refazer os passos do movimento revolucionário de Che Guevara e Fidel. Parando em pontos estratégicos, o turista pode ainda associar a emoção de estar no mesmo caminho e na rota da Revolução Cubana ao sentimento de aventura que se apresenta no enfrentamento da mata e do calor da ilha.

Parece estranho aliar nostalgia ao anseio e à identidade ligados aos movimentos revolucionários do século passado. Aparentemente, as ideias revolucionárias tratavam do futuro e só se interessavam pela memória quando ela servia para confirmar que sua luta fazia parte de um processo linear e crescente de lutas emancipatórias orientadas para o amanhã. Com o fim do comunismo, acreditava-se que a antiga dialética entre passado e futuro havia se rompido, inaugurando

8 Marx analisou, em detalhes, nas primeiras páginas de *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, publicado em 1852, como os revolucionários de 1848, ao se apegarem e invocarem a Revolução Francesa de 1789, prejudicavam o seu próprio movimento, imitando servilmente seus símbolos e métodos, o que considerava um obstáculo ao progresso da verdadeira revolução (capítulo I).

9 O Trabant foi um carro pequeno e barato da Alemanha Oriental (1957-1991). Ícone da guerra fria, era considerado “carro do povo”, pela economia estagnada do bloco oriental. Após a queda do muro de Berlim, tornou-se ícone de culto e hoje é usado principalmente no turismo nostálgico, assim como os carros antigos de Cuba.

um tempo eternamente presente, como alertou Fukuyama (1992). O declínio dos regimes socialistas na sequência à queda do muro de Berlim trouxe também um eclipse das utopias, aparentemente relacionando o projeto comunista ao utopismo – associação sempre negada pelos marxistas, desde que Engels¹⁰ qualificou o comunismo marxista como científico, reservando aos demais projetos a marca de irrerealidade. Essa é a perspectiva que se projetou a partir de Benjamin, com sua visão melancólica da história como lembrança, uma memória da derrota (Jameson, 1974).

Contudo, a encenação da vida cotidiana sob o comunismo no Leste Europeu não pode ser comparada à experiência cubana. A Revolução Cubana não foi derrotada – ou, pelo menos, não oficialmente. O governo da família Castro continua no poder desde a Revolução de 1959; nem mesmo a crise do fim do comunismo soviético, proclamada por Mikhail Gorbachev em 1991, atingiu a ilha. Obviamente, com o corte da ajuda financeira dos soviéticos, nos anos 1990, a economia cubana sofreu impactos, mas não chegou à falência. Dessa forma, Cuba pôde transicionar por ideias menos alinhadas à URSS, e Fidel Castro montou um projeto estatal de turismo que continua sendo bem-sucedido até hoje. É a segunda maior fonte de renda do país e, apesar das críticas e dos temores com relação à sua continuidade, mantém-se como um setor econômico importante para a ilha.

A história da Revolução Cubana e o isolamento da ilha, tanto por razões políticas quanto pelo embargo econômico, colocam-na num imaginário temporal repleto de ambiguidades e possibilidades, que estão mais ligadas à dimensão da promessa e da utopia. A utopia de More é também um cenário de isolamento e se passa em um mundo separado. A fantasia apresentada pelo turismo cubano também é coberta de ambiguidades e narrativas contraditórias, mas essa é, com certeza, uma das faces que conferem ao turismo na ilha um ar de mistério sobre a vida real dos cubanos. O comunismo cubano parece ser o único remanescente no planeta, mantendo o *glamour* próprio dos anos pré-revolução, ao mesmo tempo que promete apresentar aos turistas a experiência da conquista da Revolução Comunista.

Parece que um dos pontos a serem investigados é o imaginário instalado nas leituras sobre Cuba que trazem o elemento utópico como nostalgia. Numa relação significativa para as pesquisas sobre a nostalgia, colocam-se os estudos sobre ideias revolucionárias que destacam seus aspectos românticos. E embora a presença da nostalgia nos grupos revolucionários, e mesmo na chamada esquerda atual, permaneça relativamente inexplorada, o papel do romantismo no imaginário radical provocou algumas reflexões importantes. Desde o trabalho de Ernst Bloch, *O espírito da utopia* (1918-1987), o debate sobre as expectativas da promessa revolucionária tem tido o seu viés subjetivo destacado. Diferentemente das discussões marxistas da época, orientadas ao pragmatismo da ação econômica e política, Bloch, como já citamos, enfatizou a importância da utopia como potência e motor de pensamento para a continuidade da esperança para a transformação social. O conceito de “ainda não” assegurava que a utopia não pode ser reduzida à identidade existente; ela constitui aquilo que desestabiliza o *status quo*, abrindo espaço para transformações.

10 A proposta de Engels é, ainda hoje, questão basilar no debate sobre utopias, cujo teor se volta ao problema da imaginação versus realidade. De qualquer maneira, embora muitos autores ainda participem do debate tomando um ou outro lado da equação, os estudos têm mostrado uma forte ênfase na discussão conceitual, deslocando o termo de um plano político, ou meramente literário, para aspectos mais antropológicos no sentido de sua função cultural (Jameson, 2005; Levitas, 1990).

O legado de Bloch persiste, provavelmente em função da importância dos aspectos subjetivos em qualquer proposta de um futuro imaginado. Nesse sentido, a ideia de Bloch enfatizou a necessidade de uma filosofia da imaginação, que pudesse dar *anima* às propostas estritamente pragmáticas e economicistas. O movimento foi longamente desenvolvido em debates subsequentes, mas permaneceu o embate entre a utopia como possibilidade concreta e a utopia como mera fantasia ou fatalismo histórico. Cuba parece se colocar sob esse viés polêmico. O aviso sobre o fim constitui um desses signos que constroem a nostalgia revolucionária.

O estudo de Löwy e Sayre (2015) lançou uma nova luz sobre a compreensão e a amplitude da tradição romântica revolucionária. Esses autores fazem uma conexão explícita com a nostalgia, observando que “precisamente a nostalgia que está no âmago da atitude romântica” (Löwy; Sayre, 2015, p. 40). Ao relacionarem romantismo à nostalgia, Löwy e Sayre (2015) defendem indiretamente que a nostalgia é ambivalente, tal qual o próprio romantismo, que não é necessariamente reativo (ou retrógrado). Nesse sentido, mesmo sem discutirem diretamente o objeto em tela neste estudo, eles oferecem novas possibilidades de compreensão do turismo de memória. Na mesma linha, o trabalho de Traverso (2016, p. 22) trata da melancolia política da esquerda a partir do início do século XX, apontando a história desse movimento como “uma constelação de derrotas”. Apesar desse cenário, Traverso (2016) observa que até mesmo as perdas se tornaram objeto de lembrança projetiva, sobretudo porque o movimento era sustentado por uma visão utópica do futuro e uma experiência vivida (Koselleck, 2006).

Contudo, as utopias do século passado, segundo Traverso (2016), desapareceram, principalmente após a queda dos regimes comunistas da década de 1990, deixando um presente carregado de memória e incapaz de se projetar no futuro. Nesse sentido, a falta de um “horizonte de expectativa” (Koselleck, 2006) promove a utopia como categoria do passado, de modo que o futuro é imaginado a partir de um tempo passado e percebido como nostalgia. O trabalho de Traverso (2016) contribui para esta pesquisa não apenas ao incorporar uma história das ideias revolucionárias dos séculos XX e XXI, mas também ao promover uma discussão sobre a dinâmica das temporalidades. O mesmo se aplica ao trabalho de Hartog (2013) com os regimes de temporalidade e o diagnóstico sobre o momento “presentista”.

De qualquer maneira, Cuba parece absorver um cenário surreal de combinação de dois contextos improváveis: o tempo pré-revolucionário e o pós-revolucionário. Desse ponto de vista, o tempo turístico da ilha oscila, revelando a impossibilidade de substituição efetiva de um tempo pelo outro. Os tempos ofertados turisticamente se somam e se sobrepõem, numa cadência que só pode ser vivida no isolamento.

CONCLUSÃO

Quando se seguem os liames que entretecem memória, utopia e mercado, depreende-se que o turismo cubano pós-1990 opera como um dispositivo ambivalente de reconfiguração sociopolítica e econômica. A promessa de “visitar antes que seja tarde” não apenas convoca um exotismo caribenho e um *vintage* do capitalismo, mas também reencena ícones, estéticas e temporalidades da Revolução,

convertendo-os em valor de experiência e moeda afetiva. Tal mercantilização do passado, longe de anulá-lo, o reinscreve performaticamente. Os turistas, o Estado e os mediadores de mercado coproduzem um repertório de signos que, simultaneamente, estabiliza e desestabiliza as fronteiras entre autenticidade, encenação e consumo. É nesse registro que o “caráter janusiano” do turismo revela, em Cuba, sua nitidez máxima: o mesmo arranjo que capta divisas e sustenta a macroeconomia tensiona princípios igualitaristas, projetando no presente a utopia revolucionária que, como horizonte movente, permanece, portanto, como por se cumprir.

Em diálogo com Boorstin, Augé, MacCannell e Urry, o caso cubano confirma que o turismo não se reduz a epifenômeno econômico; trata-se de um regime de olhar, memória e mediação cultural, operando simultaneamente como indústria e linguagem. A nostalgia mobilizada na ilha, em anúncios e atividades, não equivale a um retorno sentimental simplificador: funciona como tecnologia social de ordenação de expectativas e ajuste de temporalidades, oferecendo ao visitante um “outro tempo” consumível e, ao país, uma gramática de visibilidade e legitimação globais. Ao contrário do *red tourism* chinês e do pós-socialismo do Leste Europeu – em que o socialismo se apresenta majoritariamente como passado musealizado –, em Cuba o socialismo ainda vigente mantém aberta a dimensão do possível. Essa abertura confere ao produto turístico um teor utópico específico e contínuo, em que a memória e o imaginário revolucionário se afirmam menos como epitáfio do que como linha de fuga, vetor de futuridade.

Reconhecer essa singularidade não implica afirmar um excepcionalismo metodológico. Pelo contrário, sugere que Cuba opera como um campo experimental agudo de dinâmicas transnacionais: a patrimonialização de vivências e afetos, a circulação de nostalgias estilizadas e a conversão de projetos políticos em mercadorias culturais de alto valor simbólico. Nesse cenário, populações locais exercem agência, negociando benefícios, resistências e acomodações; o Estado orquestra narrativas, acessos e escalas; plataformas e operadores modulam expectativas, ritmos e visibilidades. As tensões entre a realização, sempre adiada, do sonho revolucionário, a captação de divisas e a preservação de sentidos coletivos não se resolvem por determinações formais de desenho tecnocrático; ao contrário, evidenciam um estatuto simbólico profundo, que se manifesta no turismo e em sua capacidade de produzir mundos.

Assim, a Cuba do “tempo de nostalgia” torna patente como o turismo – simultaneamente infraestrutura econômica e ecologia semiótica – pode sustentar economias, produzir memórias e reencenar utopias. O desafio – analítico e político – consiste em acompanhar de que modo esses três planos se articularão no curto e no médio prazo, à luz de mutações geopolíticas, transformações tecnológicas e novas economias da atenção. Mais do que indagar se o turismo corrompe ou preserva a Revolução, importa compreender por quais mediações, com quais traduções e com que efeitos ele a reinscreve no mercado das emoções, das expectativas e do possível.

CUBA IN A TIME OF NOSTALGIA: MEMORY, UTOPIA, AND THE COMMODIFICATION OF THE PAST

Abstract: This text analyzes the reconfiguration of tourism in Cuba since the 1990s, when the island, in a post-Soviet crisis, invested in the sector as an economic engine. It argues that the current tourism offering commodifies the

past by combining Caribbean exoticism, icons of the Revolution, and a “vintage capitalism”, fueling a nostalgic memory with utopian overtones. It discusses how this arrangement tensions socialist ideals and market logic, highlighting the “Janusian character” of tourism. In light of theoretical debates (Boorstin, Augé, MacCannell, Urry), it differentiates the Cuban case from red tourism and Eastern European post-socialism, emphasizing its still-present socialist status.

Keywords: Nostalgia. Tourism. Memory tourism. Revolution. Cuba.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BABB, F. Che, Chevys, and Hemingway’s Daiquiris: Cuban tourism in a time of globalisation. *Bulletin of Latin American Research*, v. 30, n. 1, p. 50-63, 2011.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.
- BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1989. v. 3.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v.
- BOORSTIN, B. From traveler to tourist: the lost art of travel. In: BOORSTIN, B. *The image: a guide to pseudo-events in America*. New York: Vintage, 1992. p. 77-117.
- BOYM, S. *The future of nostalgia*. New York: Basic Books, 2001.
- DAVIES, J. Sustainable nostalgia. *Memory Studies*, v. 3, n. 3, p. 262-268, 2010.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EDENSOR, T. Performing tourism, staging tourism: (re)producing tourist space and practice. *Tourist Studies*, v. 1, n. 1, p. 59-81, 2001.
- FREUD, S. *Luto e melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HOOPEL, S. S.; CAMPOS, L. M. Checkpoint Charlie: consumo e turismo de memória. *Revista Políticas Públicas e Cidades*, v. 13, n. 2, p. 1-25, 2024.
- HUYSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JAMESON, F. *Marxism and form: twentieth-century dialectical theories of literature*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- JAMESON, F. Pós-modernidade e sociedade de consumo. *Revista Novos Estudos Cebrap*, v. 2, n. 2, p. 16-26, jun. 1985.

JAMESON, F. Nostalgia for the present. *South Atlantic Quarterly*, v. 88, n. 2, p. 517-537, 1989.

JAMESON, F. *Archaeologies of the future: the desire called utopia and other science fictions*. London, New York: Verso, 2005.

JAYAWARDENA, C. Revolution to revolution: why is tourism booming in Cuba? *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, v. 15, n. 1, p. 52-58, 2003. Disponível em: <https://www.emerald.com/ijchm/article-abstract/15/1/52/119419/Revolution-to-revolution-why-is-tourism-booming-in?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 21 mar. 2026.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LEVITAS, R. *The concept of utopia*. Syracuse: Syracuse University Press, 1990.

LÖWY, M.; SAYRE, R. S. *Revolta e melancolia*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MACCANNELL, D. *The tourist: a new theory of the leisure class*. New York: Schocken Books, 1976.

MARCUSE, H. *O homem unidimensional*. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDLIK, S. The golden hordes: international tourism and the pleasure periphery. *International Affairs*, v. 51, n. 4, p. 560-561, Oct. 1975.

MORINIS, A. *Sacred journeys: the anthropology of pilgrimage*. Westport: Greenwood Press, 1992.

NASH, D. Tourism as a form of imperialism. In: VALENE, L. S. *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012. p. 37-52.

NATALI, M. P. *A Política da nostalgia: um estudo das formas do passado*. São Paulo: Nankin Editorial, 2006.

NEUHOFER, B. Value co-creation and co-destruction in connected tourist experiences. In: INVERSINI, A.; SCHEGG, R. (ed.). *Information and communication technologies in tourism 2016*. Cham: Springer, 2016. p. 779-792.

PICKERING, M.; KEIGHTLEY, E. As modalidades da nostalgia. *Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 9, n. 15, p. 7-33, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva>. Acesso em: 21 mar. 2026.

ROUTLEDGE, C.; WILDSCHUT, T.; SEDIKIDES, C.; JUHL, J.; ARNDT, J. The power of the past: nostalgia as a meaning-making resource. *Memory*, v. 20, n. 5, p. 452-460, 2012.

SCHWARTZ, R. *Pleasure Island: tourism and temptation in Cuba*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; ARNDT, J.; ROUTLEDGE, C. Nostalgia: past, present, and future. *Current Directions in Psychological Science*, v. 17, n. 5, p. 304-307, 2008.

STAUTH, G.; TURNER, B. S. Nostalgia, postmodernism and the critique of mass culture. *Theory, Culture & Society*, v. 5, p. 509-526, 1988.

TRAVERSO, E. *Left-wing melancholia: Marxism, history, and memory*. New York: Columbia University Press, 2016.

URRY, J. *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*. London: Sage Publications, 1990.

WANG, N. Rethinking authenticity in tourism experience. *Annals of Tourism Research*, v. 26, n. 2, p. 349-370, 1999.

WHITEHEAD, H. The agency of yearning on the Northwest Coast of Canada: Franz Boas, George Hunt and the salvage of autochthonous culture. *Memory Studies*, v. 3, n. 3, p. 215-223, 2010.

WILSON, J.; LÁTKOVÁ, P. American tourists in Cuba: is the communist country a forbidden or a tainted fruit? *Tourism and Hospitality Research*, v. 16, n. 1, p. 6-18, 2015.